Nº622
De 29 de setembro a 13 de outubro
Ano 23

R$2 (11) 9.4101-1917 PSTU Nacional www.pstu.org.br @pstu Portal do PSTU @pstu_oficial

1000 DIAS DE BOLSONARO: MORTE, DESEMPREGO, FOME, DEVASTAÇÃO AMBIENTAL

200 MILHÕES FICAM MAIS POBRES

PARA QUE...

MENOS DE 3 MIL SUPER-RICOS FIQUEM MAIS RICOS

Não é possível mudar o Brasil aliando-se aos super-ricos, como defendem o PT e o PSOL. Veja nas páginas 3, 8 e 9 os números e os motivos da desigualdade social nos país.

CONGRESSO DO PSOL:

Mais próximo de apoiar Lula no 1º turno

Página 10 e 11

POLO SOCIALISTA

Plenária vai debater construção de uma alternativa de independência de classe, socialista e revolucionária.

Página 16

SÉRIE SOCIALISMO

Por que não precisamos do capitalismo

Página 12

PDF INTERATIVO - CLIQUE NO QR CODE > DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE

"[Pagamos] um auxílio emergencial de US$ 800 para 68 milhões de pessoas"

Bolsonaro, o mentiroso cumpulsivo e safado, falou na na ONU que pagou, em média, R$4 ,3 mil em auxílio emergencial.

DEDADA

Queiroga insulta vítimas do genocídio

Provando mais uma vez que segue à risca o lema de seu antecessor, Eduardo Pazuello, para o qual o ministério da Saúde é um lugar onde "um manda e o outro obedece", o atual titular da cadeira, Marcelo Queiroga, reafirmou ser capacho de Bolsonaro em sua marcha contra as vacinas, No último dia 16, mandou suspender a vacinação em adolescentes sem comorbidades. A determinação do ministério ocorreu após pressão da base bolsonarista e do próprio Bolsonaro. Em Nova Iorque, o ministro-capacho de Bolsonaro, se descontrolou quando foi confrotando com manifestantes que protestavam contra a ida de Bolsonaro a ONU. Mostrou o dedo do meio em um gesto obsceno, sobretudo para os 600 mil mortos pela polític genocida de Bolsonaro. Após insultar manifestantes com dedada, Queiroga foi diagnosticado com Covid. Bem feito!

RECONHECIMENTO

Homenagem a Dirceu Travesso

Dirceu Travesso, o Didi, dirigente do PSTU falecido em 2014, foi um dos 100 homenageados pelo prêmio "Dois Paulos" na noite do último dia 14, ao lado de figuras importantes do cenário brasileiro, como Marielle Franco, Ulysses Guimarães, Aldir Blanc entre outros. A premiação foi organizada pela Comissão Pró-Centenário de Dom Paulo Evaristo Arns, para celebrar 100 anos de nascimento de Paulo Freire e Dom Paulo Evaristo Arns. O prêmio foi direcionado a 100 pessoas que se destacaram na defesa dos direitos humanos e da democracia. Didi recebeu o reconhecimento por ser uma referência especial para a luta internacional dos trabalhadores. Didi foi um trotskista de enorme destaque como dirigente do PSTU e da LIT-QI, sendo parte ativa do movimento político contra a ditadura e pelo sindicalismo classista, democrático e combativo. Didi, presente! Até o socialismo, sempre!

Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.
CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.
JORNALISTA RESPOSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)
REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido
DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp
IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA **WhatsApp**
Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta
(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000

editorial

Os trabalhadores precisam de um projeto seu, e não se atrelar à burguesia como querem o PT e o PSOL

Os mil dias de governo Bolsonaro deixam um legado de barbárie e destruição: mortes, desemprego, fome, rapina do país, devastação do meio ambiente e superexploração da classe trabalhadora.

O governo acelerou o já longo processo de decadência, desindustrialização e reversão colonial. O Brasil já caiu de 14º para 9º lugar na indústria mundial, afastando-se cada vez mais dos setores de tecnologia de ponta e se especializando na exportação de commodities agrícolas ou na indústria extrativista de baixo valor agregado.

Com Bolsonaro, 61 milhões vivem abaixo da linha de pobreza, com menos de R$ 469 por mês, e 19,3 milhões na pobreza extrema. A maior parte dos trabalhadores, na cidade e no campo, não conta com um emprego, mas tão somente bicos ou estão simplesmente sem trabalho algum. A carestia se aprofunda: luz, gás, alimentos. Centenas de milhares de pequenos empresários estão falindo.

Um punhado de superricos, por outro lado, estão ainda mais ricos. Apenas 1% dos mais de 200 milhões de brasileiros, algo entre 2 e 3 mil pessoas, e pouco mais de 300 grandes empresas, acumulam uma montanha de capital e lucros, enquanto promovem um verdadeiro saque no país, a maior devastação ambiental da história, superexploração, desemprego e arrocho.

Esse governo imerso em denúncias de corrupção ainda avança em suas ameaças golpistas, estimula milicianos e arma marginais de ultradireita. Mas também passa a boiada contra a classe trabalhadora e, para isso, conta com o apoio da maioria da burguesia, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal (STF). Enquanto grileiros, jagunços e madeireiros tocam fogo na floresta e o terror no campo, o STF senta em cima da votação sobre o Marco Temporal, esperando que esse Congresso vendido vote contra os povos originários. O mesmo Congresso que aprovou a reforma trabalhista e senta em cima do processo dos mais de 100 pedidos de impeachment.

INDEPENDÊNCIA DE CLASSE E UM PROJETO DOS TRABALHADORES

Precisamos derrubar Bolsonaro e seu governo já. Mas ele não vai sair se não formos às ruas. Somos muito mais do que os que foram às ruas no 7 de Setembro apoiar esse governo genocida. Para isso, precisamos de toda a unidade possível. Mas não nos enganemos, o setor da burguesia que está hoje na oposição aprova toda a sua política econômica entreguista e que joga o custo da crise nas nossas costas, e não quer realmente tirá-lo antes de 2022.

Também os que defendem uma frente ampla eleitoral (o PT e a direção majoritária do PSOL), priorizam as eleições e chamam os trabalhadores a confiarem neste Congresso e no STF, ao invés de chamarem a organização e a mobilização independente da classe e a preparação de uma Greve Geral. Os trabalhadores precisam fazer unidade de ação com quem for para derrubar Bolsonaro, mas precisam se organizar de forma independente para garantir não só a derrubada deste governo, mas a continuidade da luta. Por isso, não deve confiar no Congresso, ou no STF, mas em suas próprias forças, inclusive para garantir sua autodefesa.

Para acabar com a fome, o desemprego e a desigualdade social é preciso enfrentar os interesses dos superricos. É preciso revogar as reformas da Previdência e trabalhista, reduzir a jornada de trabalho para 30h semanais, sem diminuir os salários. Acabar ainda com o trabalho precário, investindo num plano de obras públicas necessárias e ecológicas que garanta empregos e ajude no enfrentamento de problemas como a moradia, saúde, educação, etc.

É necessário ainda garantir a regularização das terras indígenas e quilombolas, enterrar de vez o Marco Temporal, lutar pela reparação da população negra e enfrentar a violência machista e LGBTIfóbica. Nada disso, contudo, será assegurado por uma frente ampla com a burguesia, pelo simples fato de que, para isso, é necessário enfrentá-los. Impor medidas como suspender o pagamento da dívida aos banqueiros e taxar em 50% as grandes fortunas e dividendos das 300 maiores empresas.

Um exemplo de como essa política entreguista enriquece bilionários às custas de nossas vidas. A Vale, privatizada a preço de banana, depois de toda a tragédia humana e ambiental de Mariana e Brumadinho, distribuiu de dividendos para meia dúzia de bilionários acionistas e especuladores estrangeiros da ordem de R$ 42 bilhões. Grana sobre o qual nem pagam impostos. Isso equivale a um auxílio-emergencial de R$ 600 para 70 milhões de pessoas. Já a Prevent Senior que usa pessoas como cobaias, faturou R$ 4,3 bi no pior momento da pandemia, o que equivale ao auxílio de R$ 600 para 7 milhões. Luiza Trajano, dona da Magalu e que apareceu há pouco na Forbes, também lucrou muito na pandemia, e recebe elogios de Lula enquanto defende a reforma trabalhista e está de olho na venda dos Correios.

Por isso tudo, a classe trabalhadora não pode estar a reboque de seus algozes. Precisa se organizar, lutar e ter um projeto independente da burguesia. Um projeto socialista. Vários ativistas estão se reunindo para discutir a conformação de um polo socialista e revolucionário, tanto para as lutas quanto para as eleições, a fim de apresentar e defender este projeto. Saiba como fazer parte deste movimento na página 16.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/39IZLLT

PANDEMIA

O escândalo das experiências macabras da Prevent Senior em prol do governo Bolsonaro

DA REDAÇÃO

Desde o ano passado, já se sabia do conluio negacionista entre o governo Bolsonaro, hospitais e planos de saúde privada na promoção e distribuição generalizada de medicamentos comprovadamente ineficazes no combate à Covid-19. A Prevent Senior, plano originalmente voltado ao público idoso e tratado até então como um caso de sucesso no setor da saúde privada, já enfrentava denúncias de pressão ilegal para a indicação de cloroquina a casos suspeitos, inclusive demitindo médicos que se recusassem a fazê-lo.

Nas últimas semanas, porém, o caso que estourou na CPI do Senado chocou pela sua monstruosidade. Segundo um dossiê preparado por médicos e ex-médicos da rede, a empresa teria levado a cabo experimentos clandestinos, fraudando dados e escondendo as vítimas fatais dessa experiência macabra. Os pacientes e familiares desses experimentos, inclusive, sequer eram informados da prescrição do medicamento do "kit Covid".

Segundo o dossiê, pelo menos sete pacientes morreram durante uma pesquisa ligada à hidroxicloroquina e à azitromicina, outro medicamento defendido por Bolsonaro como solução mágica à Covid-19. O estudo teve de ser cancelado por ordem da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, mas isso não impediu que a Prevent Senior fosse destacada pelo governo como um suposto exemplo da eficácia da cloroquina. "O SUS nunca procurou saber qual foi o protocolo usado", chegou a twittar o senador Flávio Bolsonaro, o "01", ao elogiar os "bons números" da rede.

O dossiê e o depoimento à CPI do Senado de um dos executivos da empresa, Pedro Benedito Batista Júnior, revelaram outro modus operandi do plano de saúde: após um período de internação, o paciente de Covid-19 simplesmente tinha a doença apagada do prontuário. No caso de morte, assim, não aparecia como razão do óbito o coronavírus, mas qualquer outra complicação secundária. Foi o que aconteceu com o conhecido médico pediatra e entusiasta do "tratamento precoce", Anthony Wong, e a própria mãe de Luciano Hang, dono da Havan.

PARTE DE UM PLANO GENOCIDA

O escândalo rememorou as experiências conduzidas pelo médico Josef Mengele nos campos de concentração da Alemanha nazista. Ainda mais com as denúncias adicionais de que a Prevent Senior desocupava indevidamente leitos de UTI para abrir novas vagas, deixando que pacientes morressem numa espécie de homicídio que nada tem a ver com sérios cuidados paliativos.

No caso da Prevent Senior, os sinistros experimentos nada têm a ver com uma tentativa de se descobrir a cura para a pandemia utilizando métodos obscuros. Na verdade, o que existia, com a participação do governo, era um esquema bárbaro para promover o famigerado "tratamento precoce" e, com isso, garantir uma falsa sensação de segurança à população. Outros planos de saúde também impuseram o "kit Covid" a seus pacientes, como a Hapvida e a Unimed Rio, além de inúmeras prefeituras bolsonaristas.

Isso tudo dentro do plano de combate a qualquer medida de distanciamento social e às vacinas, em prol da concretização da chamada "imunidade de rebanho". Um genocídio que já chega a centenas de milhares de mortos.

Kit anti-Covid com cloroquina distribuído pela Prevent Senior a pacientes que sequer testaram positivo

PRISÃO AOS CRIMINOSOS

Estatização da Prevent Senior e da rede privada de saúde, sob controle do SUS

A Prevent Senior cresceu numa faixa etária em que a insuficiência do SUS aparece de forma mais dramática: entre os idosos. É um exemplo de como uma saúde pública precária e subfinanciada ajuda a encher o bolso dos bilionários que exploram o setor. E de como, ainda, a saúde privada vem faturando alto com a pandemia.

Em 2020, a empresa que frauda mortes e realiza experimentos secretos teve lucro líquido de R$ 4,3 bilhões, um crescimento de quase 20% em relação ao ano anterior. Não é um fato isolado. A Rede D'Or, maior rede integrada de saúde do país, quase dobrou sua receita no primeiro trimestre deste ano em relação ao ano passado, chegando a R$ 5,2 bilhões. Os planos de saúde de forma geral tiveram elevação de 22% no lucro no mesmo período. Resultado do aumento de mais de 1 milhão de pessoas no sistema e, principalmente, de 8,7%, em média, das mensalidades.

O caso da Prevent Senior é o exemplo mais macabro de um setor que enriquece às custas da saúde e da vida de milhões de brasileiros. E a razão pela qual os governos têm interesse na precarização cada vez maior do sistema público de saúde, empurrando cada vez mais gente para os planos privados e deixando quem não pode pagar à própria sorte.

É preciso botar na cadeia os assassinos da Prevent Senior, estatizar a empresa, assim como toda a rede privada, e colocá-la sob controle do SUS.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3ZPPOOF

NEGROS E NEGRAS

Ilusões capitalistas para manter as opressões

WILSON HONÓRIO DA SILVA,
DA SECRETARIA NACIONAL DE FORMAÇÃO DO PSTU

Hoje, não faltam motivos para que odiemos Bolsonaro e sua corja e lutemos, sem tréguas, para derrubá-los. Afinal, além de negacionista, genocida, uma ameaça permanente às mínimas liberdades democráticas, em função de seu projeto ditatorial, eles têm o racismo, o machismo, a LGBTIfobia, a xenofobia como suas marcas registradas.

Contudo, seus ataques e cortes de direito ocorrem em meio a uma crescente polarização socioeconômica e política que também tem se manifestado em crescentes lutas e rebeliões ao redor do planeta. E exatamente em meio a isto que também tem proliferado uma burguesia "liberal" que tem se "reposicionado" na luta de classes com um duplo objetivo. O primeiro, igualzinho o de seus pares da ultradireita: manter os seus lucros. O segundo, um pouco mais "esperto": cooptar os movimentos sociais e alimentar a ilusão na conciliação de classes como resolução para os gravíssimos e profundos males que atingem a humanidade.

Depois de décadas batendo na tecla desafinada do "mito da democracia racial", que negava por inteiro a própria existência do racismo (e, por tabela, qualquer outra forma de opressão); um setor da burguesia se apercebeu que, tanto para seus negócios imediatos (tendo em vista o consumo) quanto pra a própria manutenção do sistema, o melhor é criar um novo mito: o da burguesia preocupada com o racismo, o machismo, a LGBTfobia estruturais.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/39MTID6

CASTELO DE AREIA

Ilusões que se desmancham com o soprar da crise

Basta considerar algumas manchetes da imprensa para vermos como a ideia tem se propagado: Como as empresas podem ajudar a combater o racismo ("Época Negócios", 20/11/2020); Carrefour avança no projeto de combate ao racismo estrutural ("Veja", 19/08/2021); Qual o papel das empresas na agenda LGBTI+? ("Instituto Ethos", (25/05/2021), e por aí vai.

Para além da hipocrisia, essas manchetes que refletem uma contradição. Hoje, quando movimentos de luta contra as opressões têm arrancado conquistas e direitos e estão longe de se darem por satisfeitos; a burguesia neoliberal tenta reinventar seus estratagemas. E tem uma receita: intervir diretamente nos setores em luta, seus programas e métodos para tentar manter suas reivindicações nos marcos da democracia burguesa e, acima de tudo, da lógica capitalista.

As táticas utilizadas são muitas e quase todas resultantes de uma combinação ou variantes de teses reformistas e/ou pós-modernas, como o empreendedorismo; o empoderamento individual; a parceria com ativistas; a criação de comitês internos para debater "diversidade"; a localização (através do discurso "meritocrático") de mulheres, negros(as) e LGBTIs em "postos de poder e prestígio" dentro das empresas; campanhas massivas de propaganda e publicidade, com a "representatividade" destes setores.

Carrefour agora diz que agora avança no projeto de combate ao racismo estrutural

Mas todas essas medidas são parciais, temporárias e distorcidas diante das opressões. Isso quando não passam de pura ilusão.

A NECESSIDADE TRANSFORMADA EM EMPREENDIMENTO

O empreendorismo é exemplar neste sentido. Primeiro, qualquer um que tenha nascido e crescido na periferia, particularmente numa família negra, sabe que isto não passa de um nome pomposo para algo que, desde sempre, foi uma estratégia de sobrevivência para nós. Uma necessidade que, agora, querem vender como um caminho para a ascensão social e à chamada "libertação-pelo-mercado".

Nossos ancestrais, a começar pelos "escravos de ganho" (colocados nas ruas para vender e prestar serviços) "inventaram" esta história. Somos filhos de pais metalúrgicos que, vez ou outra, montavam barraquinha na feira para vender produtos cultivados na roça do pátio do cortiço; netas de avós que intercalavam o trabalho como "doméstica" com o "bico" como quituteiras e irmãs e irmãos de pedreiros que mantinham um "negocinho" de consertos com os primos.

A institucionalização desta prática pelas empresas é ilusão que se desmancha no ar, levada pela própria crise do sistema. É isto que foi sintetizado, por exemplo, na manchete da "Folha de S. Paulo", em 18/09/2021: "Crise econômica reverte aumento de negros e mulheres no empreendedorismo".

Baseado na última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNDA) Contínua, o artigo demonstra que são exatamente os empreendimentos de negros ("pretos" e "pardos") e mulheres que mais foram afetados entre 2019 e 2021, exatamente quando esta modalidade foi vendida como "grande solução" para o enfrentamento da pandemia. Valendo lembrar, ainda, que são exatamente estes setores que mais têm dificuldade até mesmo para abrir seus negócios, conseguir crédito ou atender aos critérios de financiamento estipulados pelo programa chamado "Microempreendedores Individuais" (MEI).

O beco sem saída e o caminho sem volta da cooptação

Não estão apenas vendendo ilusões. Também é parte de seu projeto desviar ativistas e movimentos do enfrentamento direto com o capitalismo, através da institucionalização, seja no setor público, seja no privado.

Quem segue por esse caminho esquece que as amarras do capitalismo se confundem com as correntes da opressão desde a época da escravidão. Amarras e correntes que só poderão ser definitivamente quebradas quando mulheres, LGBTIs, negros, quilombolas, indígenas e imigrantes se juntarem aos batalhões da classe trabalhadora organizada para tomarem o poder, através de conselhos populares e instituições socialistas que, de fato, representem a diversidade do nosso povo.

GOVERNO BOLSONARO

Mil dias de genocídio, desemprego, fome e destruição ambiental

DIEGO CRUZ, DA REDAÇÃO

Brasil chega a 600 mil mortos com Covid devido à política genocida de Bolsonaro

O vergonhoso discurso de Bolsonaro na abertura da 76ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) foi o coroamento de um passeio do genocida pelos Estados Unidos marcado por um desfile de negacionismo e deboche. Quando seu ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, mostrou o dedo do médio a manifestantes, na verdade se dirigia aos brasileiros que padecem de um verdadeiro genocídio cujos números oficiais, subnotificados, chegam a 600 mil mortes, e um rastro de desemprego, carestia, fome e destruição ambiental.

Resultados diretos de um mandato que chega aos seus mil dias aplicando a ferro e fogo uma política ultraliberal e entreguista que coloca os lucros dos banqueiros, grandes empresários, multinacionais e latifundiários acima de tudo. E que mantém ainda uma permanente ameaça golpista no ar, apontando para uma saída autoritária caso não vença as eleições.

O discurso na ONU, muito provavelmente escrito por Steve Bannon, o ideólogo da ultradireita que ajudou a eleger Trump, foi recheado por mentiras e negacionismo. Além de defender o "tratamento precoce", eufemismo para os medicamentos comprovadamente ineficazes ao combate da Covid-19, Bolsonaro pintou um país que só existe nas correntes de sua indústria de fake news. Um país no qual o governo não enfrenta denúncias de corrupção e se preocupa com vacinas, empregos e o meio ambiente. Palavras dirigidas, na verdade, a sua cada vez menor e mais radicalizada base, numa tentativa de conter o derretimento e manter fidelizado seu séquito.

NÃO PODEMOS ESPERAR MAIS UM ANO

Enquanto o país passa por um verdadeiro processo de desmonte, recolonização e profunda regressão social, a oposição, tanto da direita tradicional quanto da esquerda parlamentar, com o PT à frente, tem uma política de não tirar Bolsonaro agora, mas desgastá-lo eleitoralmente. O conjunto majoritário da burguesia, em que pese não o considerar como alternativa para 2022, tampouco quer um impeachment, de olho na boiada que consegue, por hora, passar no Congresso Nacional.

A cada dia, porém, Bolsonaro vai impondo cada vez mais ataques. Alguns deles irreversíveis, como os mortos na pandemia ou a destruição ambiental. É nesse tempo, ainda, que Bolsonaro avançará em sua perspectiva de golpe. Embora o ensaio do 7 de setembro tenha sido derrotado, essa política não foi abandonada, e uma alternativa à lá Capitólio está na mesa do genocida.

É preciso massificar as manifestações pelo Fora Bolsonaro e Mourão já. Com uma ampla unidade de ação com todas as forças que estejam dispostas a isso, sem qualquer veto, incluindo aí até a direita. Ao mesmo tempo, a classe trabalhadora precisa se organizar para impor o Fora Bolsonaro até o fim, preparando, desde as bases, uma grande greve geral que golpeie para valer esse governo, ao mesmo tempo em que combate também essa política econômica de fome, desemprego, destruição ambiental e genocídio indígena.

MIL DIAS

Um governo marcado pela corrupção

Na tribuna da ONU, Bolsonaro disse que "o Brasil está há dois anos e oito meses sem nenhum caso concreto de corrupção". Isso nem mesmo os mais convictos bolsonaristas acreditam. Bolsonaro já sofria investigações sobre os esquemas das rachadinhas quando passou a ser investigado por esquemas clandestinos de financiamento e difusão de fake news em massa durante as eleições. Seu ex-ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles foi obrigado a sair, após ser revelado seu envolvimento em tráfico internacional de madeira ilegal.

A cereja do bolo, contudo, foram as revelações na CPI do Senado que desvelam um esquema criminoso de fraudes e superfaturamento na compra de vacinas, como a Covaxin, intermediadas por empresas ligadas a bolsonaristas. Esquema que liga diretamente o governo, a cúpula das Forças Armadas e empresários num arranjo corrupto responsável por milhares de mortes na pandemia.

MIL DIAS

Avanço do extermínio indígena

Indígenas lutam contra o marco temporal em Brasília

Bolsonaro disse que, no Brasil, os povos indígenas estariam "vivendo em suas terras em liberdade". A única liberdade que seu governo garantiu, porém, foi a dos ruralistas assassinarem indígenas e a negação dos processos de demarcação de territórios, completamente paralisados em sua gestão. São atualmente, segundo o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), 829 terras indígenas à espera de regularização. Enquanto isso, a Fundação Nacional do Índio (Funai) é aparelhada pelo agronegócio.

Neste momento, o Supremo Tribunal Federal (STF) vota a famigerada tese do marco temporal, que limita a demarcação em áreas ocupadas por indígenas até a promulgação da Constituição de 1988, ignorando 500 anos de perseguição, genocídio e expulsão de populações inteiras de suas terras. O governo Bolsonaro já avisou que, se derrotado no Supremo, vai lançar mão de um projeto de lei para impor a medida no Congresso Nacional.

MIL DIAS

Com Bolsonaro, Amazônia registra maiores queimadas em mais de uma década

Devastação ambiental em favor do agronegócio

Um dos momentos mais vergonhosos no discurso da ONU foi quando tentou se vender como defensor do meio ambiente. A realidade, porém, é o contrário disso. Segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisa Espacial (Inpe), os dois primeiros anos do governo Bolsonaro foram marcados por um aumento de 56% no desmatamento da Amazônia. Foram 10.490 quilômetros quadrados de floresta derrubados, quase metade do estado de Sergipe. As queimadas tornaram-se símbolos desse governo ecocida.

Resultado de uma política consciente de devastação do meio ambiente, com o desmonte de órgãos como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), em favor das grandes madeireiras e mineradoras.

MIL DIAS

Um governo contra as mulheres, os negros e LGBTIs

Entre os mais pobres, são os setores oprimidos como as mulheres, a população negra e as LGBTIs que mais morrem na pandemia e mais sofrem com o desemprego, a fome e a precarização. Além disso, Bolsonaro ataca diretamente esses setores, desmontando, por exemplo, as políticas públicas voltadas às mulheres e LGBTIs.

No ano passado, o Ministério da Mulher de Damares não gastou um centavo da verba de R$ 4,5 milhões que havia para o departamento LGBTQIA+. Já em 2021, as verbas federais voltadas à política para mulheres foram reduzidas pela metade. Em relação à população negra, tornou-se marca desse governo o racista e capitão-do-mato Sérgio Camargo, à frente da Fundação Palmares.

CONCILIAÇÃO DE CLASSES

A mudança não virá junto com os bilionários que estão lucrando com a pandemia e a miséria

A maior parte da burguesia busca uma alternativa a Bolsonaro para 2022. Um setor já está fechado com Lula, e outro ainda busca o que se convencionou chamar de "terceira via" (um candidato que continue tocando a atual política econômica de Guedes, mas sem o negacionismo e as ameaças de ruptura com o atual regime). Já se aventa, inclusive, a opção de se "remodelar" Bolsonaro numa versão mais light, embora a burguesia tenha tentado desde o início do mandato fazer isso, sem sucesso. A entrevista de Bolsonaro à revista Veja, fingindo-se de moderado, porém, mostra que essa opção dificilmente viável (pelo desgaste do governo e pelo próprio caráter do bolsonarismo) está colocada à mesa.

Grande parte da burguesia se afasta de Bolsonaro por discordar de sua política negacionista e genocida em relação à pandemia, algo que, evidentemente, não é bom para seus negócios. E pelos arroubos autoritários que criam um clima de instabilidade política que tampouco é favorável a seus interesses. À medida que esse governo se torna disfuncional, as várias opções de substituí-lo por um projeto mais confiável vão ganhando força.

De resto, estão 100% com Bolsonaro no ataque aos empregos, direitos, na destruição dos serviços públicos (com eufemismos como "enxugamento" ou reforma administrativa) e nas privatizações generalizadas. Assim como no "teto dos gastos", privilegiando o pagamento da dívida aos banqueiros, enquanto o conjunto da população empobrece cada vez mais. Ou seja, ser contra Bolsonaro, hoje, não significa, para o andar de cima, ser contra a sua política econômica, mas o contrário. Querem alguém que tenha força e legitimidade para aplicar justamente o projeto que está aí.

"FRENTE AMPLA" DE LULA TENTA SE MOSTRAR VIÁVEL À BURGUESIA

A articulação de Lula e do PT para uma frente ampla com os banqueiros, grandes empresários e ruralistas, juntamente com os partidos do "centrão", tenta sinalizar que pode cumprir essa função. Aponta para um governo de conciliação de classes com o objetivo de trazer estabilidade, acalmar possíveis explosões sociais, enquanto mantém, em sua essência, a atual política econômica. Nesse projeto está a direção do PSOL, cujo recém-terminado 7º Congresso acaba de chancelar o apoio a Lula já no primeiro turno em 2022.

Alternativas como Ciro Gomes, Sérgio Moro ou tucanos como Doria ou o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, tentam ocupar esse espaço, buscando se viabilizar diante do desgaste do bolsonarismo e do rechaço remanescente ao PT.

Se um improvável Bolsonaro repaginado ou uma alternativa da direita tradicional não resolverão nossos problemas, também não o fará um governo de conciliação de classes encabeçado por Lula e PT. Um governo de Lula com a burguesia não reverterá nem mesmo a profunda regressão que vivemos nos últimos cinco anos, porque, mesmo para isso, será preciso enfrentar os interesses dos bilionários. E Lula já disse que nem mesmo taxar os ricos está disposto a fazer.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3MBQUYR

BRASIL

Ricos ficam mais bilionários, enquanto o trabalhador amarga desemprego, queda na renda e fome

DA REDAÇÃO

A trilha de mortes provocada pelo governo genocida de Bolsonaro é acompanhada por uma imensa crise social e econômica que desnudou a enorme desigualdade social no Brasil. Desigualdade esta que elevou o número de mortes causadas pela pandemia entre a população mais pobre e vulnerável.

A crise expôs toda a crueldade do sistema capitalista. Uma massa de milhões de brasileiros foi jogada para as piores condições de vida, amargando desemprego, queda da renda e fome. Não é por menos que a pesquisa Datafolha divulgada no último dia 15 de setembro aponta que mais de 70% responsabilizam o governo pelo desemprego e a inflação.

DESEMPREGO RECORDE

Segundo o índice oficial medido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 14,1% dos trabalhadores estão sem emprego. Em apenas um ano houve um aumento de 1,6 milhão no número de desempregados. No entanto, esse número não reflete o total de trabalhadores sem emprego no país, pois só leva em consideração as pessoas que procuram emprego em um dado momento.

Se somarmos todos que não possuem nenhuma atividade remunerada, formal ou informal, veremos que o número de desempregados saltou de 47 milhões em 2019 para mais de 58 milhões em 2020, equivalente a 27,87% da população. Além disso, mais de 33 milhões de pessoas (15,78% da população) estão subempregados, ou seja, vivem como podem, de acordo com os dados produzidos pelo Instituto Latino-Americano de Estudos Socioeconômicos (Ilaese), conforme o gráfico abaixo.

QUEDA NA RENDA: DE BOLSO VAZIO

O aumento do desemprego e da precariedade derrubou, por tabela, a renda média dos brasileiros. Segundo a pesquisa "Desigualdade de Impactos Trabalhistas na Pandemia" da FGV Social (Fundação Getúlio Vargas), houve uma redução de 9,4% na renda média individual da população. A queda foi maior para famílias mais pobres que tiveram uma redução de até 21,5%.

A reforma trabalhista, aprovada em 2017 sob o falso pretexto de gerar mais emprego, colaborou para que os empregos virarem fumaça. Com ela, os patrões tiveram mais facilidade em demitir e ampliar o trabalho precário e por tempo determinado. Depois da reforma, o trabalho por tempo determinado saltou de 338 mil em 2018 para assustadores 5,2 milhões em 2019.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/2Y7PE9P

APLICATIVOS

A luta contra o trabalho precário

Uma das modalidades de trabalho precário que mais aumentou foi a dos entregadores e motoristas de passageiros que trabalham em aplicativos. Muita gente encontrou nisso uma alternativa frente à falta de emprego. Muitos chegam a trabalhar 12 ou 14 horas diárias e não possuem nenhuma relação trabalhista, nem têm respaldo das legislações de proteção ao trabalho. Percebendo que são explorados por uma grande empresa e que, no fim das contas, são trabalhadores que não possuem direitos e estão extremamente vulneráveis, esses trabalhadores já mobilizam greve e se organizam por direitos.

APLICATIVOS

Distribuição das classes sociais no Brasil - 2020
211,064 milhões de habitantes (em mil pessoas)

Classe	Mil pessoas
FORA DA FORÇA DE TRABALHO – 17,35%	36.625
APOSENTADOS QUE NÃO TRABALHAM – 12,91%	27.257
SEM EMPREGO – 27,87%	58.824
SUBEMPREGADOS – 15,78%	33.310
TRABALHO ASSALARIADO – 20,94%	44.198
AUTÔNOMOS – 2,55%	5.378
GRANDES E PEQUENOS PROPRIETÁRIOS – 2,59%	5.472

Eixo: 0 10.000 20.000 30.000 40.000 50.000 60.000 70.000

Fonte: SPC Brasil, DATAPREV, PNAD-IBGE, IBGE. **Elaboração:** ILAESE

TUDO CARO

Inflação fora de controle

Vivemos a maior inflação já registrada em duas décadas. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a inflação acumulada no ano bate os 10%. Muitos itens, no entanto, subiram muito acima dessa taxa. Entre eles, combustíveis, alimentos e aluguéis. A sequência de alta nos preços já é um dado cotidiano e atinge itens básicos, como energia, combustível e comida. O preço da gasolina sofreu oito reajustes neste ano. Em alguns estados, o litro da gasolina está sendo vendido a R$ 7,00 e o gás de cozinha, a R$ 115,00.

E vai ficar pior, conforme explica o Banco Central, que prevê uma inflação de 8% para 2021.

A inflação e a redução na renda impactam, inclusive, a dieta dos brasileiros. A combinação arroz, feijão, proteína animal e salada já virou artigo de luxo. As famílias passaram não só a adotar o consumo de proteínas mais baratas (como ovos), mas também a substituir refeições por mingau. Também aumentou o consumo de marmitas e sanduíches preparados pelas próprias pessoas para reduzir os gastos com alimentação fora de casa. Com a alta no preço da carne, os mais pobres migraram para a salsicha, ossos de boi, como ficou patente na fila do osso em Cuiabá (MT), uma das capitais do agronegócio brasileiro. Mas enquanto o povo come osso, o agronegócio fatura alto e aproveita a elevação do dólar para ganhar mais dinheiro e exportar a carne brasileira. Esse é um dos motivos do alta do preço da carne.

A FOME VOLTOU

Mais de 19 milhões de brasileiros com a panela vazia

Brasil têm fome: 19 milhões não tem o que comer

São 19 milhões de brasileiros em situação de fome no Brasil, segundo dados de 2020 da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Penssan). De 2018 para cá, houve um aumento de 9 milhões de pessoas nessa situação.

Entre agosto e dezembro de 2020, 125,6 milhões de brasileiros sofreram com insegurança alimentar durante a pandemia, o equivalente a 59,3% da população do país.

Mas o nível de segurança alimentar já vinha piorando antes do coronavírus. O alastramento da fome no Brasil é reflexo da queda de renda, da inflação, do desemprego e do fim ou esvaziamento de programas voltados a estimular a agricultura familiar e combater a fome. O maior absurdo dessa história é o fato de o país ser um dos maiores produtores de grão e carne de todo o mundo. Enquanto aumenta a fome entre os brasileiros, os grandes fazendeiros lucram como nunca.

DEPRAVAÇÃO

Brasil: aumento de bilionários e uma longa decadência econômica

O Brasil passa por um uma longa decadência, uma reversão colonial. Durante todos os governos, nossa economia sofreu um processo de desindustrialização e tornou-se um país exportador de produtos primários (mineração e produtos agrícolas), sofreu privatizações e uma profunda desnacionalização que aumentou o domínio das transnacionais. Todo esse processo se acelerou agora com Bolsonaro, que quer transformar o Brasil numa colônia dos países imperialistas. A rapina é gigantesca. Por exemplo, mais de US$ 42 bilhões de lucro da Vale foram remetidos ao exterior sem pagar um centavo de imposto. Com esse dinheiro daria para pagar um auxílio emergencial de R$ 600,00 pra 79 milhões de brasileiros.

No andar de cima existe um outro Brasil, um país formado por um punhado de capitalistas e que não conhece crise. Na pandemia, os ricos ficaram ainda mais ricos, enquanto o povo lutava pra sobreviver. Lucraram com a destruição de nossos direitos e com a ampliação do trabalho precário. No último ano, os 1% mais ricos concentram nas suas mãos 49,6% de toda a riqueza do país, segundo o relatório Riqueza Global, publicado anualmente pelo Credit Suisse.

Segundo a revista Forbes, no Brasil há 65 bilionários. Durante a pandemia, 20 novos empresários foram incluídos na lista. No total, eles acumulam um patrimônio de US$ 220 bilhões.

Entre os novos bilionários estão os herdeiros da rede varejista Magazine Luiza, de Luiza Trajano, considerada a segunda mulher mais rica do Brasil. Também estão na lista alguns donos de planos de saúde e de hospitais. Pelo menos dez empresários que atuam na área da saúde conseguiram expandir em 134% sua fortuna, enquanto milhares de pessoas perdiam suas vidas para o coronavírus. Entre eles está o dono da Rede D'Or, Jorge Moll Filho, fundador da empresa, cuja fortuna saltou de US$ 2 bilhões em abril de 2020 para US$ 13 bilhões; os donos da Hapvida, cuja fortuna saltou de US$ 4 bilhões para US$ 8,8 bilhões; e a família Godoy Bueno, controladora do grupo de diagnósticos clínicos Dasa.

Ainda conforme a Forbes, a média da fortuna dos brasileiros da lista saltou de U$$ 2,28 bilhões para U$$ 3,53 bilhões (54% de aumento). No entanto, levando-se em conta apenas o grupo de bilionários da saúde, esse crescimento explodiu para 184%, saindo de U$$ 1,64 bilhão para U$$ 3,85 bilhões. Enquanto o SUS salvava vidas, essa turma ficava rica com a desgraça do povo.

LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/2Y7PE9P

PROGRAMA

Qual é a saída para o Brasil?

A realidade mostra que não é possível reformar esse sistema. Precisamos de um programa que ataque a origem das desigualdades e coloque fim à rapina das transnacionais. Um programa dos trabalhadores que aponte para a construção de uma sociedade socialista.

Pleno emprego, com redução da jornada para 30 horas sem redução dos salários.

Plano de obras públicas necessárias e ecológicas sob controle dos trabalhadores.

Enquanto isso, auxílio emergencial de um salário mínimo para todos os desempregados e os que estão na informalidade, vivendo de bicos.

Reforma agrária sob controle dos trabalhadores. Demarcação já de terras indígenas e quilombolas. Não ao marco temporal.

Isenção de pagamento de luz e demais tarifas aos desempregados. Congelamento do preços dos alimentos, da luz, do gás e dos combustíveis.

Suspender o pagamento da dívida pública aos banqueiros.

Taxar em 50% as grandes fortunas e os dividendos das 200 maiores empresas e bancos do país.

Revogação das reformas trabalhista e da previdência.

Impedir todas as privatizações. Reestatizar todas as estatais que foram privatizadas e colocá-las sob controle dos trabalhadores.

Estatizar toda a rede de saúde privada, que deve integrar o SUS, sob controle dos trabalhadores e usuários.

Estatização do sistema financeiro e centralização num único banco público que garanta crédito ao pequeno negócio e financie o desenvolvimento público, científico e tecnológico.

CONGRESSO DO PSOL

Um passo atrás... para preparar outro mais atrás ainda

Juliano Medeiros, presidente do PSOL, em Congresso do partido

EDUARDO ALMEIDA, DE SÃO PAULO

O congresso do PSOL votou contra o lançamento de uma candidatura própria, apontando para o apoio a Lula já no primeiro turno das eleições de 2022.

A definição final da tática foi transferida para uma conferência eleitoral no primeiro semestre do ano que vem. Mas, como essa conferência será composta pelos membros da direção eleita nesse congresso, a relação de forças será provavelmente a mesma.

Trata-se da primeira vez que o PSOL não apresentará candidato em eleições presidenciais. Não se está discutindo a possibilidade de um voto crítico em Lula no segundo turno, caso persista a polarização Lula x Bolsonaro. Mas o apoio a Lula, e já no primeiro turno.

Mais ainda, como foi denunciado pela ala esquerda desse partido, existe um movimento da maioria da direção que não para por aí. Está se preparando a participação do PSOL em um futuro governo Lula.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/2Y5OUPW

DISTORCENDO A REALIDADE E A TEORIA

Apoio a Lula não tem sustentação na realidade

A defesa do apoio a Lula é justificada sob argumentos de várias origens e colorações ideológicas. Mas se estrutura em primeiro lugar na necessidade de se derrotar Bolsonaro. Ou seja, parte-se de uma necessidade correta para se defender uma política errada.

Bolsonaro é realmente um governo genocida, machista, racista, LGBTfóbico, que está impondo ataques brutais aos trabalhadores, precarizando as relações trabalhistas e as aposentadorias. Ele significa uma ameaça real contra as liberdades democráticas, expressando publicamente que não vai aceitar uma derrota eleitoral. Qualquer subestimação dessa realidade seria um erro político grave.

Neste momento, não existem condições políticas para o sucesso de um golpe, porque nem o imperialismo nem a maioria da burguesia o apoiaria. Mas não se pode deixar de considerar a hipótese de que Bolsonaro tente um golpe, por seu projeto ditatorial, por sua base social (minoritária) e militar.

É preciso mobilizar pela derrubada de Bolsonaro já, e não em 2022. Isso nada tem a ver com o apoio a Lula no primeiro turno das eleições. Nem em termos eleitorais isso se justifica. Mesmo que Bolsonaro se recupere, o que não está garantido, pode chegar ao segundo turno. E aí a discussão sobre o voto em Lula contra Bolsonaro no segundo turno ou não estaria no terreno da tática. Ao contrário, o apoio à candidatura Lula no primeiro turno vai ajudar a atrelar a classe trabalhadora ao PT.

Todos sabem que a direção do PT não quer derrubar Bolsonaro já, porque isso poderia favorecer o surgimento de uma terceira via e ameaçar sua vitória em 2022. Por isso, é muito provável que o PT não dê continuidade ao ato do dia 2 de outubro com grandes ações de massas e uma greve geral para derrubar Bolsonaro.

CONFUSÃO DELIBERADA

A narrativa da "necessidade de derrubar Bolsonaro", assim, confunde intencionalmente a necessidade da unidade de ação nas ruas para derrubar o governo com uma tática eleitoral de atrelamento ao PT que hoje joga contra a ampliação da mobilização.

Uma coisa é a unidade de ação nas ruas para derrubar Bolsonaro. Outra, completamente diferente, é um projeto de governo junto com a burguesia, como quer o PT. Isso acaba com a independência da classe e conspira contra a derrubada de Bolsonaro.

ARGUMENTOS FALSOS

Valério Arcary, dirigente do Resistência, parte desse debate, defende o apoio a Lula e seus argumentos se escudam na tática da frente única desenvolvida pela III Internacional. Citando Lenin, defendeu a frente única como a proposta de Lula "com um programa de esquerda".

Valério foi por décadas militante do PSTU e se diz trotskista. Sabe perfeitamente que sua argumentação não tem nada a ver com Lenin ou com a III Internacional. Sabe que a frente única é uma tática de exigências e denúncias em relação às direções reformistas, propondo ações diretas das massas. Caso essas direções aceitem, o movimento avança. Caso neguem, desmascaram-se perante as massas.

O primeiro erro é estender isso ao terreno eleitoral. Lenin, nas eleições, não usava essa tática de frente única, e sim valorizava a apresentação do programa revolucionário.

O segundo erro é que Valério ignora a parte fundamental da denúncia das direções na tática da frente única, porque sabe que Lula não aceita nenhum "programa de esquerda", contra a burguesia. Por isso ignora propositalmente os 13 anos de governos petistas, realizados com e para a grande burguesia nacional e multinacional.

Na véspera do congresso do PSOL, Valério deixou de lado as citações de Lenin e passou a se basear essencialmente em dois argumentos: a "ameaça Bolsonaro" e a consciência atual das massas pró-Lula. Em seu texto "Sete notas sobre o congresso do PSOL", ele agita a ameaça Bolsonaro, sem explicar porque o apoio a Lula no primeiro turno facilitaria a derrota do projeto golpista. Como já vimos, isso não se sustenta.

Depois discute a consciência atual das massas: "A experiência de massas com o lulismo permanece incompleta... Mas a hipótese mais provável é que a candidatura de Lula vai ocupar todo o espaço político da oposição de esquerda como um arrastão incontível", diz.

Trata-se de um fato inegável o apoio majoritário a Lula entre as massas trabalhadoras. No entanto, um marxista usa um critério de classe e avalia a história para entender a realidade. As mesmas massas trabalhadoras que agora apoiam Lula romperam com o PT, depois dos 13 anos de governos petistas. Bolsonaro foi eleito, todos sabem, surfando na rejeição ao PT nas bases. Inclusive nas fábricas do ABC, o PT foi derrotado por Bolsonaro.

UM FUTURO GOVERNO MAIS À DIREITA

Hoje o PT cresce a partir do ódio contra Bolsonaro e pela memória dos primeiros anos de Lula, quando ainda não existia a crise econômica. Se apoiar na consciência atual das massas, sem um critério de classe, ignorando a história, não tem nada a ver com o marxismo. Basta olhar para a frente e ver que um novo governo Lula vai ser novamente um governo burguês, mas agora com muito mais limites que antes pela crise econômica. As massas podem acabar novamente rompendo com o PT.

Lula não assumiu nenhum compromisso sequer de revogar as reformas da Previdência e trabalhista de Bolsonaro e Temer. Lula quer trazer para seu governo os setores majoritários da burguesia que estavam juntos com Bolsonaro até alguns meses atrás. Ignorar o desastre dos governos petistas anteriores só prepara novas derrotas.

ELEGER PARLAMENTARES

Mais adiante, Valério argumenta contra uma candidatura própria do PSOL: "Se o PSOL se posicionar na campanha criticamente a Lula, em função do balanço dos erros dos governos do PT de uma década atrás, poderá ser, irremediavelmente, punido nas eleições para deputados, ameaçando até a passagem da cláusula de barreira, o que seria fatal."

Deixando de lado qualquer "exigência de programa de esquerda" e mesmo "qualquer crítica ao PT", Valério explicita sua posição até o final, expressando a necessidade "fundamental" de eleger parlamentares.

Essa é, nos parece, a essência da justificativa da tática votada no congresso do PSOL. Apoiada na atual consciência das massas, ir junto com o PT no primeiro turno pode facilitar a eleição de mais parlamentares. Para um partido eleitoral, reformista, é uma lógica mais realista que as dezenas de citações erradas de Lenin e da III Internacional usadas por Valério.

DISPUTAR O GOVERNO POR DENTRO?

No entanto, essa argumentação, apoiada na consciência atual das massas, pode perfeitamente justificar também a entrada em um possível governo Lula. A justificativa seguiria sendo o apoio das massas e a necessidade de "se disputar por dentro o governo".

Lula realiza encontro com Sargento Isidório (Avante), inimigo declarados dos LGBTIs

Os mesmos interesses materiais, com a eleição de parlamentares, que hoje justificam a tática de apoio a Lula no primeiro turno podem empurrar o PSOL para entrar no governo do PT. Participar de um governo federal significaria o acesso a milhares de cargos e verbas, ministérios e embaixadas.

Isso pode significar um desastre para o PSOL, que nasceu como uma ruptura do PT, depois da primeira reforma da Previdência do governo Lula. Certo ou errado, o PSOL se construiu capitalizando o desgaste acumulado pelo PT em seus governos. Por isso, sua imagem é de um partido "mais à esquerda" que o PT. Isso desmoronaria com sua entrada em um novo governo Lula, que será bem mais à direita do que os passados.

EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL

As experiências internacionais de partidos "anticapitalistas" como o PSOL são bons indicativos. O Podemos, na Espanha, entrou no governo do PSOE e hoje vive uma crise aberta. A Refundação Comunista, na Itália, participou do governo Prodi em 2006-2008 e entrou em uma fortíssima crise.

Alguns dos que votaram na tese majoritária do congresso do PSOL negam essa possibilidade. A tese da Resistência, de Valério, por exemplo, se manifesta contra essa perspectiva em geral. No entanto, essa tendência se opôs, em votação no congresso de São Paulo, a uma moção contra a entrada em um possível governo do PT.

O QUE FAZER

Um chamado à reflexão

Existem muitos ativistas e grupos que defendem um projeto socialista, que estiveram aglutinados na esquerda do PSOL, defendendo a candidatura de Glauber Braga. Seria importante que a derrota nesse congresso levasse esses companheiros a uma séria reflexão.

Nos parece que apostar em uma mudança de posição na conferência eleitoral em 2022 é uma ilusão. Como todos sabemos, a relação de forças será a mesma.

Alguns poderão se iludir com o discurso de que "Lula vai tão à direita que vai ser possível mudar a resolução". Não acreditamos que os membros da direção eleita ignorem os projetos atuais e futuros de Lula. Ao contrário, nos próximos meses a pressão pela candidatura Lula deve aumentar, e não diminuir.

Resta então uma pergunta aos companheiros: vão se dispor a ser a ala esquerda da campanha Lula, mesmo que seja apoiada por parte expressiva da grande burguesia? Isso não seria priorizar também a eleição de parlamentares às custas do sacrifício da independência de classe?

Nós temos outra proposta, que estamos construindo junto com companheiros seus conhecidos, que estão nas lutas dos trabalhadores. Nós não aceitamos apoiar Lula por saber que será um governo burguês, com um programa capitalista.

Vamos dizer aos trabalhadores nas lutas e nas eleições que é necessária uma alternativa socialista no Brasil. Vamos lutar para derrubar Bolsonaro pelas ações diretas, sem nenhum atrelamento ao PT (e por tabela à burguesia) que quer frear essas lutas. E vamos apresentar nas lutas diretas e nas eleições um programa socialista e revolucionário.

Para isso, estamos construindo um Polo Socialista e Revolucionário (leia na página 16). Queremos convidar vocês a se unirem a nós e construir juntos esse Polo. Pensem nisso.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/2Y5OUPW

SOCIEDADE

A possibilidade do socialismo

Confira o primeiro artigo da série 'Socialismo', escrita por Gustavo Machado. Novos artigos serão publicados nas próximas edições do Opinião Socialista.

GUSTAVO MACHADO,
DE BELO HORIZONTE (MG)

É comum escutarmos que o socialismo não deu certo, é bonito na teoria, mas inviável na prática. Ou ainda, o capitalismo não é perfeito, tem muitos problemas, mas é o melhor "modelo" possível. É normal que muitos pensem assim.

É difícil imaginar uma sociedade diferente da capitalista. Nós nascemos dentro dela. Tudo o que fazemos nessa sociedade, ou não, depende do capital. À primeira vista, dependemos das empresas capitalistas para conseguir um emprego ou para comprar uma mercadoria qualquer. Parece ser impossível organizar a sociedade de outra forma que não seja comparando tudo e todos por meio do dinheiro. E o movimento do dinheiro depende de sua acumulação como capital pelas empresas capitalistas.

ÚNICA SOCIEDADE POSSÍVEL?

As empresas apenas vão empregar trabalhadores se for possível acumular um excedente em dinheiro: o lucro. Ao mesmo tempo, os trabalhadores dependem do capital em posse do capitalista para ter contato com os meios para produzir e, assim, trabalhar. Somente assim têm acesso a uma fatia da riqueza produzida por meio do salário. É um círculo vicioso sem fim, que parece impossível de se escapar. Sem o capital, toda a sociedade paralisaria. De fato, na sociedade capitalista, todos dependem do capital para sobreviver. A questão é: o capitalismo é a única forma de sociedade possível?

Visto de outro ângulo, tudo aparece de modo bem distinto. Se pensarmos bem, veremos que o capital não passa de uma forma como os homens se relacionam para produzir e distribuir a riqueza produzida. Podemos olhar por um microscópio ou até embaixo do colchão, e não encontraremos capital algum. Nenhum indivíduo se alimenta de capital, mas de alimentos. Nada é transportado por capital, mas por carros, caminhões, aviões, trens etc.. Não é necessário capital para produzir riquezas, mas máquinas, equipamentos, matérias-primas e, sobretudo, trabalho. O capital é apenas uma forma social em que a distribuição de toda a riqueza é realizada por um mecanismo que ninguém controla e extremamente confuso: o mercado.

NOVA SOCIEDADE

Você não precisa do capitalismo para viver

Pois bem, o socialismo é uma forma de sociedade infinitamente mais simples e transparente. Enquanto o mercado é um jogo do bicho, um método tosco e ineficiente de tentativa e erro: joguem nele as mercadorias – sejam coisas ou pessoas – e vejamos no que dá; no socialismo são os próprios produtores que definem, por meio de seus organismos, o que e quanto produzir. O objetivo não é o crescimento do capital de uns poucos, mas o atendimento das necessidades de todos. As necessidades de alimentação, moradia, transporte, lazer, ciência etc..

Tomemos o exemplo do Brasil nos dias de hoje. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Pnad/IBGE) e cálculos do Instituto Latino-Americano de Estudos Socioeconômicos (Ilaese), o país possui 44,2 milhões de trabalhadores formais e 92,1 milhões de pessoas sem emprego ou na informalidade. Essa é a eficiência do mercado: para cada pessoa trabalhando, temos dois ou mais fora do mercado formal de trabalho. Some-se a isso que dos 44 milhões de trabalhadores formais, uma boa parte não realiza funções produtivas, mas procura salvar o capitalismo das mazelas que ele produz. Milhões devem trabalhar como seguranças, policiais e assim por diante. Outros tantos, produzir armas, equipamentos de segurança ou atuar em instituições gigantescas feitas para salvaguardar os proprietários do capital e as principais potências capitalistas.

Milhares de pessoas estão na miséria no Brasil, enquanto um punhado de ricos ficaram ainda mais ricos. Esse é o retrato do capitalismo.

Em uma sociedade socialista, organizada em função das necessidades dos próprios produtores, não há obstáculo algum para que todos trabalhem. Nesse quadro, com mais de 130 milhões de brasileiros em idade para trabalhar, de fato trabalhando, poderíamos ter uma jornada de trabalho de 20 horas ou menos e, ainda assim, produzir muito mais. Podemos definir o que produzir, quais as prioridades tendo em vista as necessidades individuais e coletivas, como por exemplo as ambientais.

Seria possível organizar toda essa massa de pessoas, de modo a produzir de modo eficiente, alocando os recursos de forma otimizada? Uma sociedade assim organizada, sem ser movida pelo capital, mas pelas decisões dos próprios produtores, não entraria em colapso por falta de estímulo à livre-iniciativa? Trataremos desses dois aspectos no próximo texto da série de três artigos que agora iniciamos.

Por ora, deixaremos o leitor refletir se ele realmente precisa do capital para sobreviver, ou se o que realmente necessita é das coisas e indivíduos que, no capitalismo, se movimentam como escravos da relação social capital e de seus portadores. Aceitaremos ser eternamente apenas uma peça inconsciente de uma relação social de exploração em que somos subjugados pelos produtos de nossas próprias mãos?

LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/3ZJEDG0

MARCHA MUNDIAL PELO CLIMA

Sem superar o capitalismo, humanidade caminha para colapso ambiental

JEFERSON CHOMA, DA REDAÇÃO

A Marcha Mundial pelo Clima deste ano ocorre sob a luz do novo relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), publicado em agosto. O documento destaca que a temperatura da Terra está subindo mais rápido do que o esperado. Também traz avisos alarmantes sobre as consequências da catástrofe climática para toda a humanidade.

Tempestade de areia em Franca. Região do interior tem crise de abastecimento de água

O relatório fornece evidências abundantes de que há mudanças no clima sem precedentes em milhares de anos e salienta que parte já está ocorrendo, como o aumento do nível do mar, que não poderá ser revertido em séculos.

O IPCC demonstrou que a temperatura média da superfície do planeta subiu cerca de 1.2ºC desde 1880, sendo que a maior parte do aquecimento ocorreu a partir dos anos 1970. Mais ainda, em seu último relatório avaliou que o planeta poderá cruzar o limite de 1,5ºC até 2040, e isso terá consequências devastadoras para toda a civilização, desertificando imensas regiões do planeta, produzindo fome, escassez hídrica e milhares de refugiados climáticos.

CADA VEZ MAIS ÓBVIO

As mudanças são evidentes. Em 2021, ondas de calor atingiram a Europa e a América do Norte causando incêndios florestais. No Canadá a temperatura registrou 49°C, e na cidade siberiana de Verkhoyansk chegou a 38 °C.

O Brasil será um dos países mais afetados. O aquecimento ameaça transformar a Amazônia em uma savana degradada, a Caatinga em um deserto e ameaça o abastecimento de água das principais cidades do país. Aliás, é bem provável que a atual crise hídrica atual esteja diretamente relacionada às mudanças climáticas e à devastação da Amazônia.

GRANDE ACELERAÇÃO PARA O ABISMO

O uso de combustível fóssil é o que vem provocando o aquecimento global. Nos últimos 150 anos, essa matriz energética moveu as engrenagens do capital, mundializando esse modo de produção e estendendo a destruição da natureza por todo o planeta. Entre 1900 e 2013, a extração de petróleo aumentou 207 vezes. Foi após a Segunda Guerra Mundial que a penetração do petróleo nos sistemas de energia foi massiva. Em 1913 o petróleo fornecia 5% da energia mundial. Em 1970 era responsável por 50%. Daí é que se explica a chamada "grande aceleração" que aparece nos gráficos como um exponencial aumento da temperatura média da Terra e da concentração de dióxido de carbono (CO2), a partir dos anos 1950. Foi a partir daí que a matriz fóssil, mais abundante e barata, se tornou a base de complexa cadeia de produção de valores de uso que fazem parte de nosso dia a dia.

UM PONTO DE NÃO RETORNO

O aquecimento global pode desencadear "pontos de ruptura", ou seja, acionar verdadeiras bombas-relógio que não poderão ser mais desativadas. É o caso da Amazônia. Calcula-se que o desmatamento de 25% pode impedir que a floresta produza chuvas, essenciais para o abastecimento hídrico do centro-sul do Brasil e da América do Sul. Outro exemplo é o derretimento do permafrost, um tipo de solo permanente congelado que existe no norte da Rússia e do Canadá. Seu descongelamento liberaria o CO2 contido no gelo, que é o dobro da quantidade existente hoje na atmosfera. Tudo isso teria um efeito dominó no sistema climático da Terra e aceleraria o fim do Holoceno.

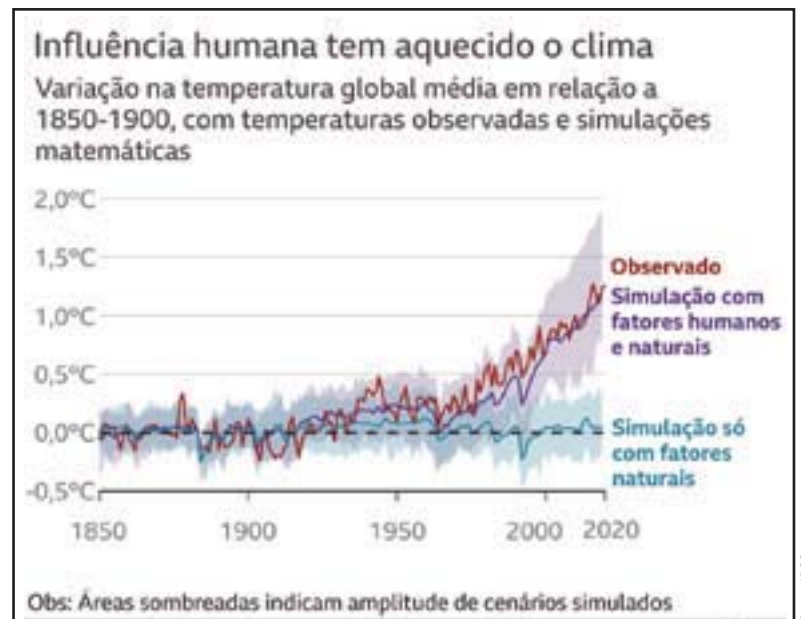
LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3KQ0Y2I

Influência humana tem aquecido o clima

Variação na temperatura global média em relação a 1850-1900, com temperaturas observadas e simulações matemáticas

2,0°C
1,5°C
1,0°C
0,5°C
0,0°C
-0,5°C
1850 1900 1950 2000 2020
Observado
Simulação com fatores humanos e naturais
Simulação só com fatores naturais

Obs: Áreas sombreadas indicam amplitude de cenários simulados

Fonte: IPCC

TRANSIÇÃO

Socialismo e revolução das forças produtivas

Muitos cientistas defendem que estamos no fim do Holoceno, a época geológica com cerca de 13 mil anos que foi marcada pela estabilidade climática e possibilitou o desenvolvimento da civilização. Outros classificam a nova era de Capitaloceno, ou seja, uma nova era criada pelo capitalismo em sua sanha desenfreada pelo lucro e que coloca a humanidade diante da ameaça do colapso socioambiental.

O capitalismo não pode impedir a catástrofe que provocou. Uma mudança radical da matriz energética implica menos gasto de energia, até porque as fontes renováveis (eólica e solar) não podem substituir a matriz fóssil integralmente, devido aos seus limites.

Mas gastar menos energia é algo impossível para o capitalismo, pois isso afeta diretamente a taxa de lucros e todo o processo de acumulação. É por esse motivo que todas a cúpulas climáticas fracassaram até hoje.

As saídas individuais, tão propagadas pela mídia, também pouco vão resolver a crise. Isso porque é o próprio capitalismo que fomenta ideologias, modos de vida consumistas e produz bens supérfluos e descartáveis.

Não é possível enfrentar a catástrofe climática fazendo algumas reformas no capitalismo, como infelizmente parte da esquerda defende. Para garantir a transição energética é preciso pôr fim a esse sistema e construir uma sociedade socialista, pautada em uma relação racional e ecológica com a natureza.

Apenas uma sociedade socialista pode planejar democraticamente a transição energética, começando com a nacionalização de todas as fontes, inclusive das matrizes fósseis, que devem passar ao controle dos trabalhadores. Apenas no socialismo é possível revolucionar as forças produtivas, cujo desenvolvimento está limitado às suas condições naturais e, portanto, ao gasto de menos energia.

Sem romper o ciclo expansionista da acumulação e usar bens comuns como meios de atender às necessidades coletivas da sociedade, a civilização caminhará para a catástrofe.

LEIA MAIS

A edição da revista Correio Internacional apresenta artigos que aprofundam sobre todos os problemas que o sistema capitalista está produzindo para a vida no planeta, faz um resgate da visão marxista sobre a questão ambiental e da elaboração de Marx e Engels. Confira!

ESTADOS UNIDOS

Direito de ingresso a todos os imigrantes haitianos!

Declaração de Workers' Voice (A Voz dos Trabalhadores), filiado a Liga Internacional dos Trabalhadores

Pela Abertura das fronteiras! Direito de ingresso a todos os requerentes de asilo – haitianos e outros. Esta não é uma questão moral. Como potência hegemônica imperialista mundial, que lucra com a pilhagem e a hiperexploração do Sul Global, e das Américas em particular, os Estados Unidos são mais cúmplices do que outros países no sofrimento do povo haitiano.

O Haiti vive atualmente uma crise profunda, uma crise impulsionada pelo assassinato do presidente Jovenel Moïse e pelo terremoto de agosto de magnitude 7.2. A violência das gangues é avassaladora. De acordo coma ONU, o terremoto afetou 800 mil pessoas.

Esta situação impeliu dezenas de milhares de haitianos a buscar refúgio nos EUA. A maioria está vindo para o centro de imigração em Del Rio Texas, local de violência brutal praticada por agentes da fronteira que se tornam bandidos a cavalo, uma reminiscência de seus ancestrais caçadores de escravos. Biden disse que está aplicando e continuará implementando as políticas de fronteira da era Trump para expulsar mais de 14 mil haitianos em busca de asilo. Segundo o jornal New York Times (19/09): "Pelo menos uma dúzia de migrantes disseram que se sentiram enganados pelos Estados Unidos. Eles disseram que foram informados por oficiais uniformizados que o voo em que estavam embarcando tinha como destino a Flórida. Quando souberam do contrário, alguns protestaram, mas foram algemados a bordo."

As promessas da campanha de Biden de um regime mais "humanitário" do que o de Trump são palavras vazias.

Realmente não há diferença entre os dois partidos do regime dos EUA, seja em termos de brutalidade, seja em seu aspecto mais profundo, a função de classe como partidos capitalistas. Para eles, a imigração tem um propósito: servir à classe capitalista dos EUA e, em particular, ao agronegócio, ao trabalho doméstico, de varejo e hotelaria e às indústrias de alta tecnologia. Para os capitalistas, imigrantes e outros trabalhadores que não se enquadram em sua lógica de lucro são, na verdade, subumanos.

Patrulheiro dos EUA reprime com chicote haitianos que tentavam entrar no país

HAITI

Uma longa história de opressão imperialista

Devemos também lembrar a longa história de opressão do imperialismo no Haiti. O Haiti foi o primeiro país do mundo fundado por ex-escravos que fizeram uma revolução contra seus opressores racistas. Os ex-colonos racistas franceses e os imperialistas americanos jamais poderiam perdoar isso. Devemos lembrar também que a França fez o Haiti pagar dezenas de bilhões de dólares pela "propriedade" que "perdeu" durante a Revolução. Os imperialistas do Norte há séculos sujeitam o pequeno país caribenho à servidão por endividamento, a ditaduras impostas e a um regime de desemprego crônico que leva à imigração da mão-de-obra para servir ao capital regional e imperialista.

SEM FRONTEIRAS

A luta por direitos aos imigrantes é de todos os trabalhadores

As fronteiras existem para impedir a livre circulação de trabalhadores e, ao mesmo tempo, permitir a livre circulação de capitais. O imperialismo devasta os países do Sul, gerando um vasto exército excedente de trabalhadores de baixa renda que podem ser explorados por meio da imigração seletiva ao Norte. Além disso, as fronteiras servem à classe capitalista porque promovem a ideologia patriótica e o chauvinismo e, portanto, as divisões dentro da classe trabalhadora.

Haitianos tentam atravessar a fronteira entre México e EUA

Nosso partido acredita que os trabalhadores têm o direito de viver e trabalhar onde desejarem. Defendemos a plena liberdade de movimento dos trabalhadores. Defendemos os direitos de todos os trabalhadores e povos oprimidos de migrar para o norte imperial, com os mesmos direitos econômicos, sociais e políticos dos trabalhadores nativos que, de uma forma ou de outra, se beneficiaram dos empreendimentos imperiais dos capitalistas de sua nação. Nos Estados Unidos, lutamos pelo direito de todos os imigrantes à cidadania plena imediata e incondicional e por igualdade de direitos econômicos.

Também lutamos pelo fim de todos os ataques da ICE (agência migratória) e outras políticas que instigam o terror nas comunidades de imigrantes. Em última análise, buscamos a abolição da ICE por completo e, com isso, o fim da implementação da fronteira imperialista que existem para prejudicar os trabalhadores, mas isso requer um maior nível de organização e mobilização independentes.

A luta por direitos plenos para os imigrantes nos Estados Unidos não é uma luta apenas para os imigrantes. Todos os trabalhadores devem apoiar o direito de todos os imigrantes de se organizarem e formarem sindicatos.

O principal obstáculo à capacidade de nossa classe de lutar é a falta de uma organização de massas da classe trabalhadora dos EUA, capaz de dirigir as lutas de nossa classe contra o regime bipartidário e contra o capitalismo imperial como um todo. Workers Voice luta para construir tal organização, sem a qual será impossível construir um governo dos trabalhadores. Tal governo seria um governo onde imigrantes e minorias raciais estariam representados de forma esmagadora, dada a atual composição da classe trabalhadora neste país.

Só um governo de e para a classe operária poderá colocar em pé de igualdade os trabalhadores de todas as nacionalidades, parceiros na construção de uma sociedade organizada para o bem de muitos e não para o lucro de poucos.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3AOBDF2

mural

O MODO PETISTA DE GOVERNAR

Rui Costa (PT), governador da Bahia, defende reforma administrativa de Bolsonaro

Ruy Costa ao lado de Fernando Haddad

Em um evento, durante a entrega de viaturas da Polícia Militar, na última segunda-feira (27), Rui Costa (PT) defendeu a Reforma Administrativa de Bolsonaro, que tem como relator o deputado federal baiano Arthur Maia (DEM). O petista defendeu que a remuneração dos trabalhadores seja por desempenho, que tal modelo não existe hoje no Brasil e que a proposta de Reforma Administrativa caminha nesse sentido.

"Uma legislação mais moderna poderia propiciar você premiar quem tem uma dedicação maior e um desempenho maior. Hoje é quase impossível você fazer isso do ponto de vista da legislação", defendeu Rui Costa.

Na política econômica, Rui Costa sempre teve sintonia com Bolsonaro. Quando este fez a Reforma da Previdência, Rui Costa já tinha aplicado a mesma reforma na Bahia um ano antes.

Privatizar é com Rui Costa. Todos os hospitais regionais que pertenciam ao Estado são hoje geridos por empresas privadas via organizações sociais, as famosas OSs.

O petista também ataca os povos originários e os quilombolas. No Sul da Bahia, Rui Costa age em ação dos grandes empresários do setor hoteleiro, que buscam expulsar os indígenas de suas terras. Os quilombolas do Kingoma, comunidade localizada em Lauro de Freitas, na Região Metropolitana de Salvador, tiveram suas terras rasgadas ao meio para a construção de uma rodovia, que já nasceu privatizada. Hoje, o setor imobiliário tenta expulsar os quilombolas de suas terras para construir condomínios de luxo à margem da rodovia.

No que toca ao meio ambiente, Rui Costa passou por cima das comunidades de terreiros e dos moradores do bairro de Itapuã, bairro de Salvador, e construiu uma estação elevatória de esgoto às margens da Lagoa do Abaeté, um lugar sagrado para o povo das religiões de matrizes africanas. Recentemente, o governador petista aderiu ao programa nacional de privatizações de parques do governo Bolsonaro: Pituaçu, Jardim Zoológico e São Bartolomeu, em Salvador; Sete Passagens, na Chapada Diamantina, e o Parque Estadual da Serra do Conduru, no Sul da Bahia, entre os Municípios de Ilhéus, Uruçuca e Itacaré, foram colocados no plano de concessão à iniciativa privada, isto é, na lista da privatização.

Rui Costa é o grande exemplo do modo petista de governar, não para os trabalhadores, mas para os ricos.

ENTREGUISTA

O sonho de Paulo Guedes para os próximos 10 anos

O que você espera fazer nos próximos 10 anos? Para muitos, o sonho neste período é garantir uma cada vez mais difícil aposentadoria. Muitos outros, querem simplesmente estar trabalhando e garantindo o sustento da família, o que também está cada dia mais inviável. Paulo Guedes pensa mais alto. O ministro da Economia do governo Bolsonaro tem como ambição pessoal fazer uma nova reforma da Previdência e, principalmente, vender todas as estatais, incluindo a Petrobras e o Banco do Brasil.

A afirmação de Guedes ocorreu durante um evento da International Chamber of Commerce (ICC), instituição ligada ao comércio internacional. "Qual o plano para os próximos dez anos? Continuar com as privatizações. Petrobras, Banco do Brasil, todo mundo entrando na fila, sendo vendido", afirmou, sem meias palavras. Após fazer um balanço que considera positivo da política privatista do governo, Guedes pontuou que "as grandes vêm agora: Correios, Eletrobras".

Além de terminar o saldão de venda e entrega do país, Guedes quer impor sua tão sonhada previdência por capitalização, o modelo que reduziu a pó a aposentadoria dos chilenos e acabou sendo revertida com a insurreição naquele país. "Se você pergunta: o que você gostaria de fazer nos próximos dez anos? Mudar o regime previdenciário para capitalização", disse.

Paulo Guedes: "Eu quero privatizar é tudo"

Para que o sonho de Guedes não se realize, precisamos tomar as ruas e fazer com que, daqui a 10 anos, ele e toda a corja deste governo corrupto, genocida e entreguista, estejam atrás das grades. E as estatais nas mãos do povo, funcionando para o bem da população, e não para acionistas estrangeiros como é agora.

ALTERNATIVA

PLENÁRIA DEBATERÁ MANIFESTO POR UM POLO SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIO

ROBERTO AGUIAR, DE SALVADOR (BA)

No próximo dia 7 de outubro, às 19h, acontecerá, em formato virtual, a Plenária Nacional de lançamento do "Manifesto pela Construção de um Polo Socialista e Revolucionário no Brasil". Até o momento, mais de mil ativistas, de diversas categorias e movimentos sociais, de Norte a Sul do Brasil, já assinaram o Manifesto, que propõe uma alternativa política, classista, revolucionária e socialista para atuar nas lutas e nas eleições.

O Polo Socialista e Revolucionário pressupõe um acordo básico: a defesa de um projeto socialista para o Brasil e para o mundo e de uma alternativa revolucionária. Propõe, ainda, a unidade em torno a um programa que não pare nos limites de uma democracia burguesa "radical".

A URGENTE NECESSIDADE DA INDEPENDÊNCIA DE CLASSE

"Ao mesmo tempo que lutam neste momento – por vacinas para todas e todos, auxílio emergencial para quem precisa, emprego e direitos para nossa classe e para colocar para fora Bolsonaro e Mourão –, os trabalhadores e a juventude do nosso país não podem perder de vista a necessidade de acabar com o capitalismo. Mais do que nunca, é necessário levantar bem alto a bandeira do socialismo e da revolução", afirma um trecho do Manifesto.

O documento faz a defesa de projeto socialista e de classe frente à defesa de um projeto capitalista de conciliação com empresários (da cidade e do campo) e banqueiros, que vem sendo capitaneado pelo PT, com o apoio do PT e da ala majoritária do PSOL.

"Para governar o país, não serve o mesmo critério de unidade ampla que é necessário para a luta contra Bolsonaro. É fundamental o critério da independência de classe. E não é por capricho, é por necessidade", frisa o texto do Manifesto.

O Manifesto encerra convidando para construção do polo socialista e revolucionário. "O objetivo é aglutinar todas as forças que se comprometam com essa construção por compreender a necessidade de unir todas as forças, de todas e todos que querem, de forma honesta, acabar com as mazelas que o capitalismo impõe à nossa classe e à juventude e que defendem um futuro socialista e comunista para a humanidade."

CONFIRA

Leia o Manifesto na íntegra no site

Como faço pra assinar o manifesto?
Para assinar o manifesto é simples: basta acessar o site **www.polosocialista.com.br** e preencher seus dados.

Como faço para participar da Plenária Nacional?
A plenária será realizada pela plataforma Zoom. Faça sua inscrição com a pessoa que te enviou o "card" do evento ou este jornal do PSTU. A plenária será retransmitida por vários canais no YouTube, entre eles o canal do PSTU **(www.youtube.com/PortaldoPSTU)**.

ENTREVISTA

"O Polo vai unir nossas lutas em prol de um todo coletivo"

O "Opinião Socialista" conversou com a indígena Kunã Yporã (Raquel Tremembé), integrante da Articulação da Teia de Povos de Comunidades Tradicionais do Maranhão, que assina o Manifesto chamando a construção do Polo Socialista e Revolucionário.

Você é uma das signatárias do Manifesto. O que levou você a se empenhar na luta pela construção de um Polo Socialista e Revolucionário no Brasil?

Assinei e estou propagandeando o chamado para que outros povos e comunidades tradicionais e camponesas se somem conosco. Nós, povos originários, viemos de uma série sucessiva de ataques, violências e violações seculares. São 521 anos de muita luta e resistência em prol da preservação dos nossos direitos e dos nossos modos de vida. A Constituição Federal, em seus artigos 231 e 232, nos permite isso. No entanto, temos nossos direitos violados, imposição de projetos de leis ruralistas, teses inconstitucionais e por aí adiante.

Qual a importância da construção do Polo Socialista diante da conjuntura política que vivemos em nosso país?

A importância é que o polo vem no sentido de alavancar as lutas contra os retrocessos causados não somente pelo governo de Jair Bolsonaro, pois sabemos que esse caos que "impera" hoje no Brasil é resultado de sujeitos passados. Outro elemento importante é que o Polo vai proporcionar a unificação de vários segmentos. Ao invés de fazermos lutas de classes isoladas, vamos construir uma luta plural, uma luta coletiva.

Raquel Tremembé

No dia 7 de outubro, acontecerá a plenária nacional do Polo Socialista. Fale um pouco sobre este evento.

Estou muito animada com a construção desse novo esperançar. Acredito que na plenária do dia 7 de outubro, por contar de uma vasta diversidade de segmentos, teremos a oportunidade de explorarmos e debatermos coletivamente as propostas para os demais parentes indígenas e demais segmentos da classe trabalhadora. Acredito que será uma grande oportunidade de fortalecermos e estreitarmos ainda mais os laços com o nosso povo aguerrido, que luta diariamente contra todas essas mazelas, e unir nossas lutas em prol de todo um coletivo, que luta e acredita nessa grande ação revolucionária.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3KOC03R